

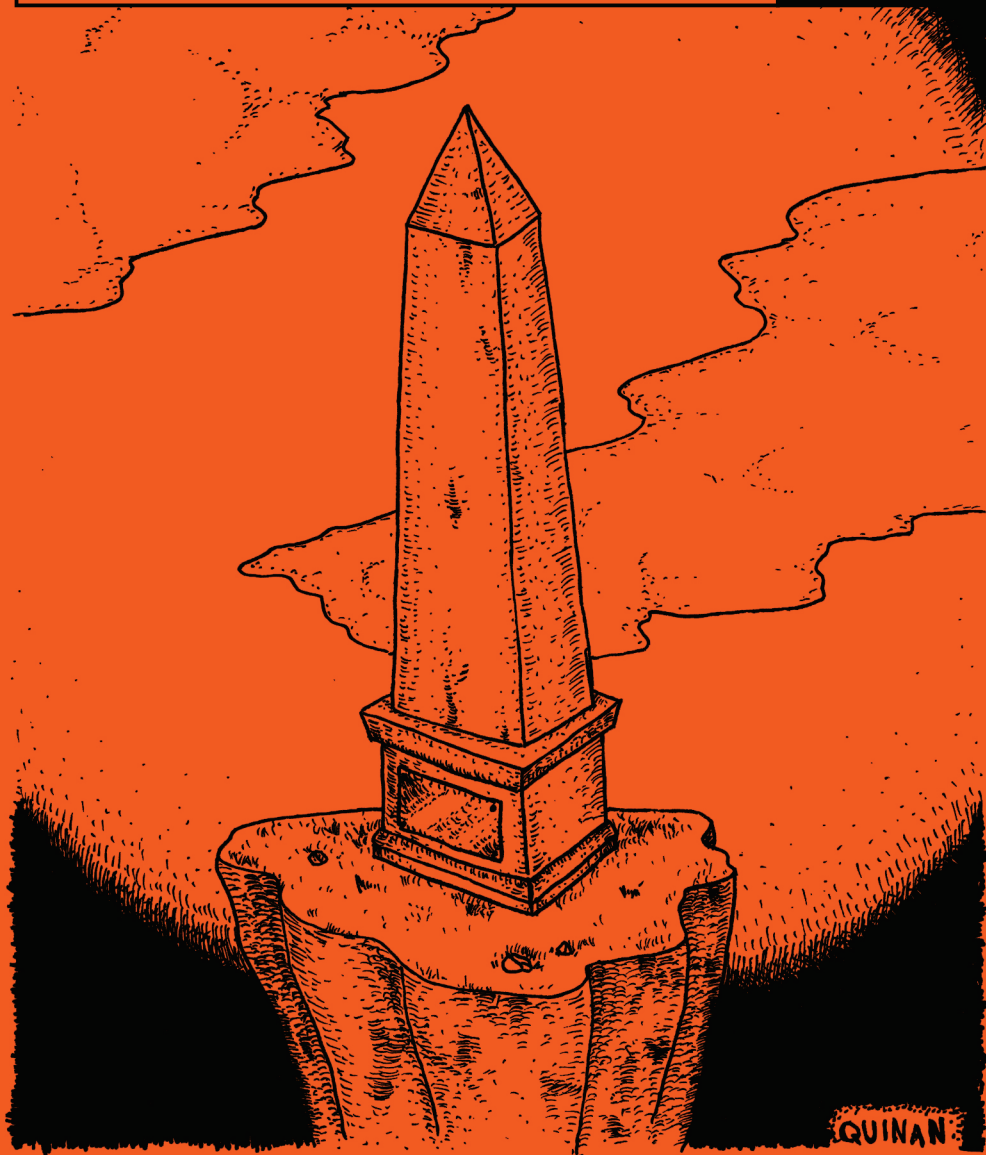
TOMATE SECO

petropolis inc

OUTUBRO - 2010

R\$1.00 #1

ZINE



Projeto Tomate Seco

O Zine TOMATE SECO Pretende ser uma revista feita por artistas independentes para que os mesmos possam expor suas artes livremente. Um espaço que incentive o diálogo entre artistas, produtores, empresários e integre a arte autoral local, fortalecendo ainda mais o intercambio de artistas petropolitanos com o cenário independente nacional.

PETROPOLIS INC é uma produtora independente formada por artistas e agentes culturais locais, que desenvolve diversas ações relacionadas à cultura independente desde sua criação em fevereiro de 2010.



PETROPOLIS INC

www.petropolis-inc.blogspot.com

1(Do Caos à Cana)
Bebendo goles de Vida no Boteco do Mundo
bebendo e bebendo e goles e goles de Vida

diversas mesas
,nada de fronteiras
e pessoas diversas
no mesmo Boteco do Mundo
bebendo goles e goles de Vida.

Há o ânimo
de encher o copo e o corpo de Vida
até o bico
,de erguer o copo e o corpo cheios de Vida
e brindar e beber com vontade a Vida.
Morreremos bêbados de Vida nesse Boteco do Mundo.
E viverá bêbado por termos vivido o Boteco do Mundo.

2
Não deixem que fechem esse Boteco, o Mundo!
Não deixem que proíbam o consumo dessa bebida, a Vida!

("Alcoólatras ou Vivólatras", por Matheus José Mineiro)

Passo apenas indo,
descolorindo todo lugar.
Passo por natureza,
por incerteza de onde chegar.
Mais lá do que cá, sozinho.
Sem brinde onde bebo vinho...
Sem cor onde desenho os passos.
E abaixo do colarinho
pulsa um coração empoeirado.

Morrestes, amigo?
 Respiras ainda aliviado em teu lar?
 Brindemos agora enquanto começamos a iludir nosso tempo
 Estareis vós ainda com as orelhas no lugar?
 Te retiras do teu berço pois não és mais criança
 saia e veja o mundo morrendo em teus olhos
 Advirto-te para não usares máscaras
 vejo o cortejo que se segue sem sair do lugar, meu amigo
 Embebido jaz em teu túmulo sem ninguém a derramar lágrimas
 Vós esperastes o primeiro punhado de terra cair
 não te faças de entendido ainda
 Teu sangue corre quente com lava
 Veja que aqui há outros que ainda dançam suas desventuras
 Vós batestes em teu deus ontem à noite
 Caminhaste lado a lado com satã
 crenças não preenchem as vacuidades da vida, meu amigo
 irei embora para encontrar novamente minha razão
 Culmina tua lucidez quando o dia amanhecer
 no meio de um dia estarei de volta, meu velho amigo
 desatando os nós que ainda restam
 Morrestes, amigo?
 Respiras ainda em teu lar?
 Brindemos agora, pois nosso tempo está entregue às traças
 Estareis vós ainda com as orelhas no lugar?
 Te retiras do teu berço pois não és mais criança

("Encenação a Rei", por Redson Vitorino)

Eram duas
 E estavam nuas
 A pele,
 A unha,
 A carne crua.
 Eram só elas
 Ela e ela
 A boca dessa
 Nos lábios daquela

Era um banho de língua
 Língua na vulva, nas rugas
 Em baixo da blusa.
 Estavam coladas,
 E havia mais:
 Eram tribais
 Uma na outra
 Ellas, as duas.



("Arab", por Márcio Salerno)



NEUTRÔNICA

Com o término da ALuz, projeto eletro-acústico formado em Londres, que passou também por Madrid, Alex volta da Europa e junto com a espanhola Deyanira Garcia e o carioca Jayme Bastos formam em 2009 a banda de rock experimental NEUTRÔNICA.

Desde o início o foco foi experimentar várias formações e sonoridades. A ideia de ser uma banda independente de músicos itinerantes e de identidade livre se consolidou. Atualmente o grupo é formado por Alex Bello (guitarra e voz), Deyanira Garcia (bateria), Breno Carvalho (eletrônico) e Peterson Oliveira (baixo).

Depois de participar de vários festivais produzidos e apoiados pela produtora PETROPOLIS INC, a banda trabalha nas gravações do seu primeiro álbum e se prepara para sair em turnê independente.

<http://www.myspace.com/neutronicarock>

TRINNITY

Banda feminina de rock surgida em 2002, no Rio de Janeiro. Formada atualmente por Thais Dias (vocal e baixo), Maria Fernanda Cals (guitarra), Virgínia Nunez (guitarra) e Ana de Ferreira (bateria), a banda construiu ao longo dos anos um currículo de shows realizados em importantes casas do cenário de rock do país, como o Garage (RJ), Ballroom (RJ), Tribe House (SP), Matriz (MG), assim como a participação em eventos como a Thorns Gothic Rave (SP) e Vamp Festival (SP).

The Reflex of Emptiness, de 2003, gravado e mixado por Vladimir Rodriguez (Gangrena Gasosa), rendeu o convite para integrarem a coletânea Demo Section 2, da extinta revista Valhalla, com a música “Nameless One”.

<http://tramavirtual.uol.com.br/trinnity>



CANASTRA

Sob a regência de Renato Martins (vocal & guitarra), principal compositor do grupo, as tramas mais inusitadas se desenrolam imersas em melodias irresistíveis, executadas pelo combo de tirar o fôlego formado por Edu Vilamaior (contrabaixo acústico), Fernando Oliveira (guitarra e trompete), Marco Serra Grande (trombone), Daniel Vasquez (saxofone) e Rodrigo Barba (bateria).

Arranjos apimentados e a performance magistral dos músicos revestem as composições com o bom e velho espírito das big bands norte-americanas. O sexteto tem mostrado uma das melhores apresentações ao vivo de que se tem notícia, com um repertório de raro bom gosto que tem cativado um público cada vez maior. Uma banda de sonoridade tão diversa e inusitada que é capaz de agradar a todas as tribos. Canções que de um jeito ou de outro (seja por forma ou conteúdo) têm tudo a ver com todo mundo. Porque, no fundo, no fundo, todo mundo gosta mesmo é de boa música.

www.myspace.com/canastra



WAGNER JOSÉ E SEU BANDO

Bando de gaiatos barulhentos que insiste naquilo que o rock'n'roll tem de mais essencial e tradicional, repertório improvisado, boa dosagem de homenagens aos mestres, jams instrumentais, pegada bluesy e poesia folkly, melodias deliciosamente fáceis, letras que mais parecem crônicas e um frontman que não precisa ser galã pra seduzir a platéia.

Na estrada desde 2002 com quatro discos gravados, este bando vem fazendo seu som autoral com letras que retratam o cotidiano, anseios, frustrações e sonhos dos integrantes.

A bordo de uma Kombi 72: Wagner José (voz e gaita), Cezar Rodriguez (baixo), Rafael Fernandes (bateria), Zemiro Bentox (guitarra) e Marcell Lorenzo (guitarra) já fizeram grandes amigos e passaram por diversas cidades do país.

www.wagnerjoseeseubando.com

As formigas trabalham? Vivem!
As abelhas trabalham? Vivem!
E os patrões trabalham? Vivem!
Vivem? Vivem!!
Mas quem morre? Morre!?
A cada hora, todo dia
Quem morre? Morre!?
O povo trabalhador, pobres operários
Morre? Morre!
Enganado morre? Morre!
Explorado morre? Morre!
Na miséria morre? Morre!
Submisso morre? Morre!
Mas por que não viver? Viver!?
Por que não ser? Viver!
Como as formigas, as abelhas...
Cooperar, viver! Viver! Viver!
Mas e o patrão sem o peão?
Vai viver? Viver??? Viver???
Coitado! Vai morrer! Morrer! Morrer!
Falir, se fu...!

*("Trabalhar Morrer! Cooperar Viver", por Julio Cesar
Dimas Roncprroni)*

Mudo. Calado.
Esquecido, mudado.
Viciado no mofo do quarto.
Desejar é melhor que ter,
ora, se não o tem, o que vão te tirar?
Melhor que tatear é vislumbrar.
Por isso mudo calado
o que já devia ter mudado,
calor de outros corpos me enojam.
Mesmo sendo sufocado
pelo vil anonimato,
os pesares da solidão me confortam.

Rio com esse rio que ainda Piranga-mente pulsa na cidade.
Rio Piranga
pira com o povo e sua demanda
“Eu Rio Piranga rio
Mais choro
Aguado
Garçacapivaralambarimente
com toda sujeira que sai do cu das casas fabricas e do Homem.”
Chora ria rio
Piranga
passa espia e pira com a cidade.
Depois
enchenteado levanta seu braço águaubarrentado
e devolve o que era do Homem
Esmurrando do concreto ao aço.

("Rio Piranga", por Matheus José Mineiro)

Com instinto animal
uma pseudo cópula
De dentadas cubro o pescoço
salivando, querendo ser mais
Ofegante, é linda
ardendo até as tripas!

Dentes de leite me chupam até me deixar roxo
eu, quase infectado
A mão que de cima para baixo exige o melhor de mim
ponho-me a ser deus para ela
Sussurra meu nome enquanto mato o melhor de mim
triste noite, aquela que falta

Pegue-me como um deus caído, coberto de saliva
afogado estou em sua garganta
Semi-ejaculado mas ainda famélico

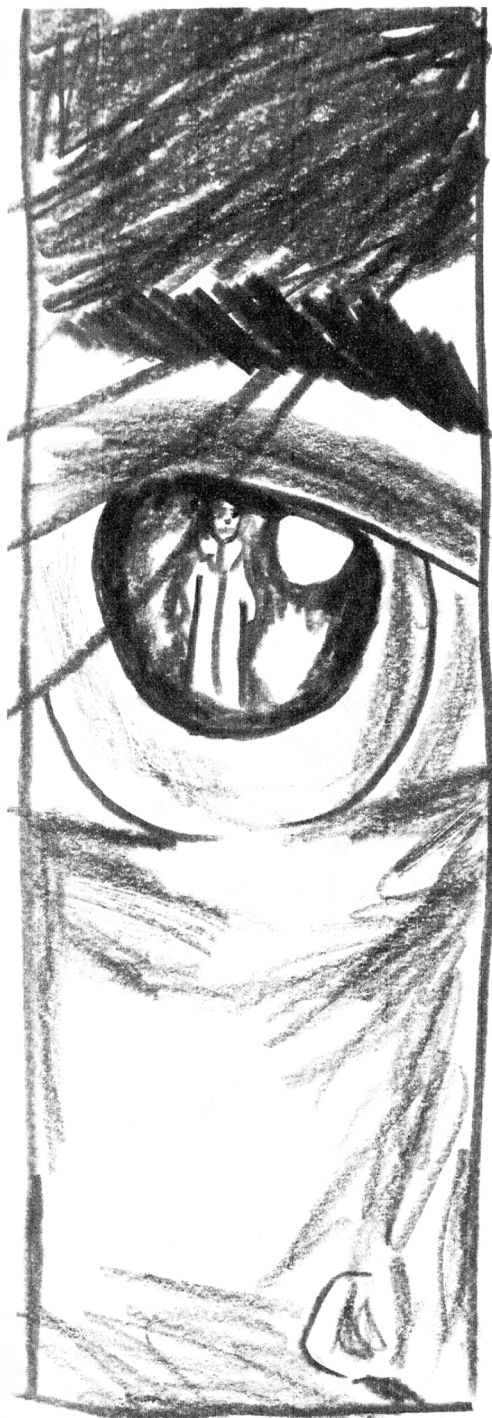
("Estupro Mútuo", por Redson Vitorino)

Rotação,
adoro minha rotação
Adoro não sair do lugar
e girar em mim mesmo.
Rotação,
tão parte de um sistema vão
Adoro poder causar
meus próprios medos.
Nem futuro, nem passado
Só hoje e até então.
Rotação, rotação.

("Rotação", por Matheus Santiago)

Parem esses
casais cantantes,
máquinas andantes
de reproduzir.
Fábricas de
crianças tortas,
eternos amantes
da desgraça.
Bebês falantes,
eclâmpsia do solo,
caindo de seu colo,
nascendo para o mal.
Que tal
um copo do mais
puro chá de cicuta?
Dama da noite,
fama da foice,
foi-se
a vida dupla
dos pequenos enfermos,
antes de termos
nomeado seus atos.
Assim eu choro
pela maldição quebrada
sempre de mão dada,
aos abraços contentes,
com o ato de errar.
Azar.

("Eclâmpsia", por Matheus A. Quinan)



("Take a Look in the Cities Eyes", por Renato Ras)

Mirrorshades

Por Márcio Salerno

Os óculos escuros cobrindo os olhos, apesar de ser quase meia-noite. E daí que o sol não brilha? *Mirrorshades*, óculos escuros de lentes de vidro, impossível ver os olhos por detrás. Apenas o usuário dos mesmos tinha visão geral do mundo à sua frente, a qualquer hora do dia ou da noite.

Os *cyberpunks* não existem mais, certo? Os escritores que se dedicavam ao gênero há muito se dispersaram, escrevendo sobre coisas diversas. Shirley, Shiner, Sterling, Cadigan, Maddox e, principalmente, Gibson, o *best-seller*, o *superstar* do grupo. Hoje, ele vendia suas desbotadas ideias a bilhões de dólares por lauda batida.

Danem-se! Quem precisa deles? O estilo *cyberpunk* não se limitou a um estilo literário que durou pouco. Ele estava aqui, agora, em meio às civilizações e seus progressos, junto ao cartão de crédito, dentro das máquinas de sacar dinheiro nos bancos, como um fantasma na máquina, do qual era impossível escapar, mesmo não estando em um banco, fazendo alguma operação de crédito ou débito.

E fazer parte daquele rebanho não tinha nada a ver com andar por aí com alguma tomada elétrica embutida no corpo, sempre necessitando *jack-in* para desfrutar da matriz universal. Para que, quando o ser humano, mesmo desplugado, guarda dentro de si todas as condições de deletar fatos ou pessoas de sua mente, bastando para isso desejar com vontade?

Jack-in, jack-out... DANE-SE! Estava tudo lá, na literatura sociológica que se fazia em finais das décadas de 60 e inícios da de 70, seguindo-se pelos 80 afora, até desaguar no século XXI. Tofler não profetizara, em *The Third Wave*, que a revolução tecnológica que se seguiria substituiria a hierarquia pela descentralização, a rigidez pela fluidez?

Pois bem, é exatamente assim que eu vivo. Não tenho família, pois nunca tive condições, financeiras ou psicológicas, para sustentar uma. Não tenho casa, não tenho bens, à exceção de algumas coisas essenciais. Não tenho laços profundos com nada, não preciso me manter o tempo todo em um determinado lugar. Minha vida cabe em minha mochila e não há nada de supérfluo que eu não possa deixar para trás, na hora de 'dar no pé'.

Um estilo de vida *cyberpunk* não implica que eu tenha de viver no ciberespaço o tempo todo. Quem tem 'grana' para isso, a não ser trilionários que não precisam se preocupar com nada na vida a não ser

gastar o dinheiro que têm? Também não implica que eu tenha de ter alguma coisa implantada no meu corpo, algo elétrico e computadorizado, algo com o qual eu não tenha nascido. Tudo que você precisa é deixar as coisas da vida de lado.

A grande maioria delas, pelo menos. Claro que eu ainda tenho fogo suficiente para gostar de mulheres. Só não vou é me atrelar a um estilo de vida considerado padrão durante toda minha vida. Ou boa parte dela. Nem colocar mais máquinas humanas nesta terra, para sofrerem. Acha que estou dizendo bobagens? Então faça um *check-up* de sua própria vida e veja se não há algo errado com ela.

Ainda não vivo em um universo paralelo tipo aquele mostrado nos filmes da série *Matrix*, mas acredito que a raça humana não esteja muito longe daquilo. Leiam *Simulacres et Simulation*, de Jean Baudrillard e vocês também vão começar a ver a realidade que nos cerca de forma diferente. Tem algo de errado com a vida como ela tem de ser, segundo os conservadores. E tem algo de muito errado, aliás, sempre teve, com a máxima bíblica: 'Crescei e multiplicai-vos!'.

Não tem mais lugar, meu 'chapa!'. “Nós avançamos, para frente e para trás, e não há mais lugar”, já bem disse Santo Agostinho, há um bocado de tempo. Este santo era diferente dos outros. Acho que ela também foi um *cyberpunk*, e tinha consciência disso. Ou de algo muito parecido.

Pois, meu caro, desde quando não somos máquinas construídas para o bel-prazer do Construtor, só para sermos deixados de lado quando ele já não se interessa mais por suas criaturas? Máquinas somos, máquinas nos aceitemos. Com um pouco de suavidade, sem querer ser igual àquele argentino revolucionário que virou mito. Aquele, sabe quem é, pois não?

Não, não quero ser um ícone revolucionário. Sou, estou e escolho. Meu cérebro é mais poderoso que qualquer máquina computadorizada criada pelo homem, e animais e vegetais podem se mostrar muito mais amigos que a companhia de nossos iguais. E acredite nisto, meu 'chapa', porque sei do que estou falando.

Bem, talvez você também saiba, não é mesmo? Ou talvez não. E daí? Que droga tenho eu a ver com isso? Eu sou, eu estou, eu deleteo com meu cérebro. Este é meu poder, *cyberpunk* ou não.

Talvez isso seja verdade no que diz respeito a todos nós, mas se você se descobrir *cyberpunkeando* por aí, ei... este lado do palco é meu, OK? Vá ciscar em outro terreiro...

CONVERGÊNCIA

MÁRCIO SALERNO

O ENTE QUE MENTE É UM DELENTE
O SER QUE NÃO SENTE É UM DOENTE
SER DIFERENTE É SER PENITENTE
É VIVER RENTE, COMO PÃO QUENTE





MAS É TARDE DE MAIS PARA RIMAS
TUDO SE MESCLA COM AS TREVAS
O FANTASMA DA MÁQUINA ASSOMBRA
E TUDO CONVERGE PARA O HUMANO
(NÃO HÁ PERDÃO PELO DESPÉRDIO DA
AURORA)

(END)

Todo dia se importando
mesmo que eu não faça
ainda continuo
Até quando?
Preso em terra firme
longe do mar
acima o céu, por vezes cinza
um chamado que por ventura sigo

Nunca mais velhos sujos!
coleccionadores de desencanto
Aprendi o que não queria cedo, cedo
um pouco... Um pouco
Juntando tudo para não ser todo
Nunca mais velhos sujos!
Só há a lama para encharcar meus pútridos ossos de vinte anos!
O prazer de tangenciar o abismo
O que me faz andar e a outros cair.

("Serras Infectadas", por Redson Vitorino)

oiá

oiá

o tamanduá

oiá o tamanho do A

desse amor

desse amar

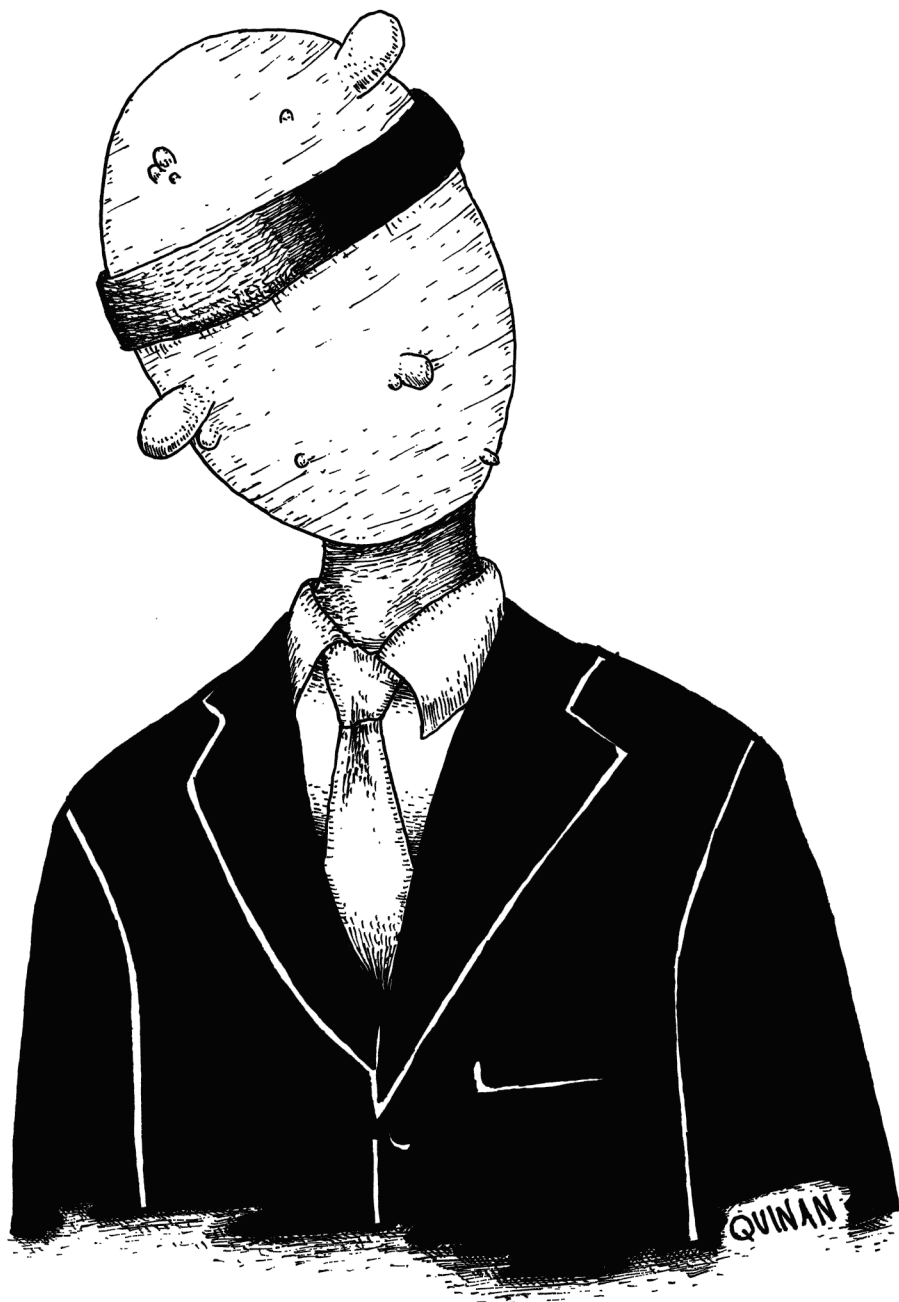
deixa o tamanduá na vegetação
e oiá o tamanho do A
que ta dentro do coração.

("Oiá o tamanduá", por Matheus José Mineiro)

A Síndrome de Inferioridade Petropolitana

Por Yuri Moura

Petrópolis, cidade de Pedro, conhecida como “Cidade Imperial”, lembrada como uma cidade diferenciada e como local preferido de grandes personagens da história do Brasil e do Mundo. Petrópolis, uma cidade cheia de talentos no esporte, na cultura, no conhecimento e por aí vai. Petrópolis, um lugar estranho, que quanto mais tem, mais sente necessidade de trazer de fora, que quanto mais cria, mais quer se adaptar ao que fazem além de sua fronteira, e que quanto mais surgem coisas boas, mais valoriza as ruins. Quem é de fora vê Petrópolis com bons olhos, quem é de dentro minimiza o seu potencial. Vejamos pelos movimentos jovens de Petrópolis, que, apesar de fortes, mal são reconhecidos pela sociedade e pelo poder público, e por esta falta de valorização, cada vez mais tentam aumentar seus egos se dividindo e se criticando. Hoje a galera que faz isso não se dá com a que faz aquilo, aquele que faz é criticando porque fez diferente e aquele que não faz se acha superior mesmo sem fazer absolutamente nada. Estranho né? Então isso não seria uma síndrome de inferioridade, e sim um surto de prepotência e desunião? Não. Na verdade a síndrome de inferioridade é tão forte que as pessoas brigam por absolutamente nada. A desvalorização de nossos artistas, atletas e talentos no geral é tão ridícula que ninguém perde a oportunidade de dar uma aparecida, uma criticada ou pôr algum feito em sua conta. É triste que as pessoas desvalorizadas não percebam que brigam por absolutamente nada. Se as pessoas acordassem e entendessem que nós temos sim um potencial diferenciado, que isso é nosso e ninguém tira e que não é porque não temos incentivos que somos ruins, se uniriam e perceberiam que os inimigos são aqueles que se esqueceram do nosso potencial diferenciado. O ruim da cidade são estes que esqueceram, e o bom é quem ainda lembra do nosso potencial diferenciado e corre atrás do prejuízo. Já passou da hora de percebermos que separados não fazemos nada. Quanto nos custa tentar unidos?



("Obsessão", por Matheus A. Quinan)

Ventre Puro

por Matheus A. Quinan

Foi caminhando por uma alameda qualquer que encontrei aquele saquinho de sementes. A princípio, cheio de problemas e praticamente passando fome, pensei que fosse uma bolsa de moedas. Quando vi que dentro do embrulho só havia um monte de grãos esféricos, decepcionei-me.

Mesmo assim, resolvi levar para minha cabana aquela porção e, satisfeito por ter algo novo, mesmo que fosse uma coisa que não valesse dinheiro algum, plantei em frente à janela do meu quarto. No dia seguinte à sementeira, um conjunto de uns sete brotinhos já podia ser visto.

No entanto, no terceiro dia observei que as pequenas plantas começaram a secar. Em pouco tempo, as pontas recém-nascidas morreram. Todas, exceto uma. Um pezinho que estava exatamente no meio dos outros permaneceu vivo, intacto. Era o único que continuava a crescer.

Com uma semana, o caule, envergado e cheio de folhas finas, já possuía cerca de um metro de altura. Na ponta, começava a crescer um botão.

Mais algumas poucas semanas se passaram e, como consequência, a planta atingiu uma altura de mais de dois metros. Somente a visão daquele vegetal tão grande era suficiente para me desorientar, de tão impressionantemente surreal.

Depois de ficar deste tamanho, o tronco, que já era grosso como o de uma árvore, mas verde como grama jovem, parou de crescer. Pensei que fosse a hora de ela morrer, mas, para minha felicidade, percebi que agora, dia após dia, o botão, que se pendurava na extremidade do caule, mais fino que o resto da planta, começou a ganhar tamanho. O que antes era apenas uma bolinha da mesma dimensão de um dente de criança foi crescendo cada vez mais até que, dois meses depois do dia em que plantei as sementes, ficou pouco maior que um barril de cerveja.

Sempre que podia, encostava minha orelha naquele casulo, alisava-o e sorria ao sentir uma leve pulsação. Parecia que aquela grande cápsula tinha vida. Antes, quando tive noção de que aquela coisa era como um coração enorme, assustei-me bastante, chegando ao ponto de me afastar, mas, quando me acostumei, podia dizer que estava apaixonado por ela.

Sonhava todo dia com minha companheira. Por duas vezes, durante o sono, vi uma grande borboleta feita de luz saindo do casulo, transformando-se em milhões de coisas diferentes a cada bater de asas. Então, repentinamente, ela tomava uma forma humana, aproximava-se de mim e era como se seu

corpo espectral encontrasse o meu e o completasse. Então acordava com o coração cheio de alegria e a cabeça no lugar, pronto para enfrentar o dia seguinte sem se preocupar com as dívidas, com a falta de comida, com as decepções sociais do passado.

Não passavam de sonhos, claro, mas comecei a acreditar com convicção que aconteceria exatamente aquilo na vida real. Passei treze dias esperando o nascimento daquela borboleta, ansioso para receber a alegria eterna que nosso encontro proporcionaria.

Até que, em uma quarta-feira, presenciei o que tanto esperava: o grande botão começou a pulsar mais do que em qualquer outra ocasião. A cápsula balançava tanto que fazia o tronco da planta emitir um rangido melancólico. Eu não conseguia agüentar de tanta emoção.

A bola se pôs a descascar. De baixo para cima, quatro faces se enrolaram, como pétalas murchando, dando espaço a uma nova camada que protegia o que quer que estivesse lá dentro. Agora, era visível uma bolsa dura, feita de um material translúcido que parecia uma espécie de vidro flácido. Dentro dela, uma mulher repousava em sono profundo.

Meu coração bateu forte. Um cheiro semelhante ao de cerejas maduras me fez ficar tonto, inebriado por uma sensação extremamente agradável. Cheguei perto, ajoelhei-me em frente à moça, que tinha a pele pálida e os cabelos negros e lisos, e observei, sorrindo, todo o processo que seguiria.

A membrana começou a romper, fazendo com que a essência doce se acentuasse. Aguardei, atencioso, enquanto a garota se projetava para fora daquela placenta vegetal, ainda dormindo.

Mas a bolsa arrebentou bruscamente, fazendo com que o corpo que era contido por ela caísse no chão, com força. Caiu mole, inerte, desprovido de vida.

Os músculos da minha face se descontraíram, lágrimas desceram de meus olhos. Respirei fundo, olhando para aquela criatura à minha frente. Ela foi jogada na terra, coberta por um líquido incolor e viscoso. Sua pele era absurdamente branca, seu cabelo extremamente pálido. Seus olhos não eram azuis, mas tristes e sem pupilas.

Então eu a abracei. Chorei por ela, mesmo não a conhecendo. Chorei por sua alma pura: tão pura que já nasceu sem vida.

Colaboradores

Redson Vitorino

facebook.com/redsonvitorino

Matheus A. Quinan

facebook.com/matheusquinan

twitter.com/matheusquinan

flickr.com/matheusquinan

caosneural.blogspot.com

Matheus José Mineiro

facebook.com/matheusjose.mineiro

apologiapoetica.blogspot.com

Eryka Marillya

Matheus Santiago

Márcio Salerno

Renato Ras

facebook.com/renatorastattoo

Julio Cesar Dimas Roncorroni

Alex Bello

facebook.com/loccobello

Yuri Moura

facebook.com/yuri.moura

falajuventudepetropolis.blogspot.com

www.yurimoura.com



tomate seco

petropolis inc